



**“SEXUALIDADES AFLORADAS”<sup>1</sup>:  
O confronto de gerações (educadorxs e educandxs) e seus saberes sexuais no  
espaço escolar – um diálogo possível?**

**Patrícia Maria Rodrigues**  
SEED-PR / Colombo

## RESUMO

A preocupação com constantes reclamações de colegas, profissionais da educação, sobre as “sexualidades afloradas” dxs adolescentes associadas à indisciplina, que dificultariam o processo de ensino/aprendizagem, bem como a falta de um debate sobre o tema, foram a mola propulsora para a realização de oficinas pedagógicas sobre o mesmo. A preocupação em obter um olhar mais aprofundado sobre a situação e a busca por uma compreensão sociológica, suscitaram algumas indagações centrais: Que “saberes” e padrões de educação sexual estão por trás de tais afirmativas? Como professorxs e pedagogxs lidam com questões de gênero e sexualidades na escola? Como Xs adolescentes constroem e vivenciam seus “saberes sexuais”? Quais os desafios para o diálogo sobre o tema na escola? Neste relato, apresento os resultados parciais obtidos com a realização de oficinas pedagógicas sobre gênero, educação e sexualidades, desenvolvidas com profissionais da educação e estudantes de ensino fundamental e médio, entre 2010 e 2014. Tais resultados foram obtidos através da observação participante e a partir de questões levantadas durante as oficinas com uma avaliação geral escrita pelxs adolescentes que participaram das mesmas. Ressalto a importância dos referenciais teóricos (Foucault, Giddens, Beauvoir, Louro, Cordioli, entre outxs) para a reflexão sobre como nossos discursos e práticas pedagógicas legitimam ou põem em xeque certas “verdades” produzidas sobre o tema.

**Palavras-chave:** gênero; educação; sexualidades.

---

<sup>1</sup> Relato de projeto político-pedagógico desenvolvido nos colégios Antonio Lacerda Braga e Luiz Sebastião Baldo (em andamento) da rede estadual de ensino (SEED-PR), junto a profissionais da educação e estudantes de Ensino Fundamental e Médio, sobre Gênero, Educação e Sexualidades, a partir de uma abordagem sociológica.

Realização:



Apoio:



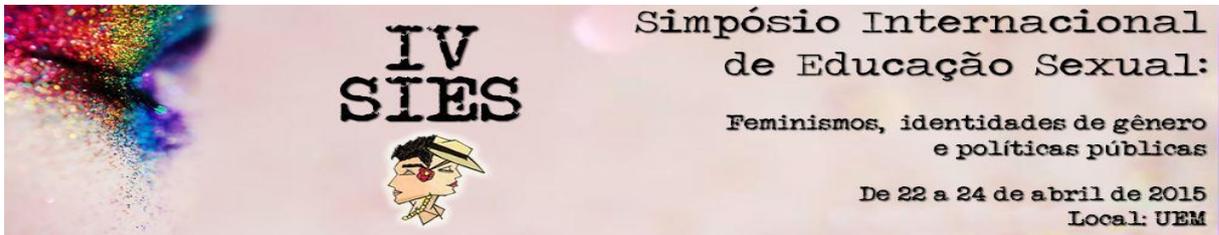
**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



## INTRODUÇÃO

Entre profissionais da educação da escola pública em questão, é comum e recorrente a percepção de que os/as “adolescentes/estudantes (de hoje) estão com a sexualidade (muito) aflorada!” e isto é visto como algo que perturba a aprendizagem, promove indisciplina e desrespeito além de deixar estes/as profissionais muitas vezes sem saber o que fazer. O que acaba acontecendo muitas vezes é a repreensão às/aos estudantes por um lado e a “escandalização” e banalização deste quadro por parte d@s profissionais da educação.

Diante da constatação da “sexualidade aflorada” e “indisciplinante” na escola, xs educadorxs apresentam dificuldades para problematizar quais são os fatores que promovem esta “erotização”.

Temos um confronto de gerações que tiveram padrões de educação sexual diferentes, mas também mantendo alguns em comum, o que faz com que professorxs e pedagogxs sintam esta dificuldade em abordar o tema com xs estudantes. Em geral, xs adultxs destas relações tiveram uma aprendizagem proibitiva sobre a sexualidade, sob um viés machista, onde gestos, palavras, vestuários, condutas eram vigiados, especialmente em relação às mulheres, que deveriam ser recatadas, comedidas, dedicadas às atividades domésticas como “boa esposa” submissa e fiel ao homem, “boa mãe” e “boa dona de casa”, uma “mulher prendada”<sup>1</sup>.

De outro lado, temos uma geração de adolescentes que é “educada” por um mercado que encontra na erotização e mercantilização da sexualidade um grande filão. Esta mercantilização, que torna tudo o que é relativo à sexualidade um produto de consumo - e também descartável – atinge de modo especial crianças e adolescentes por estarem em períodos de formação de sua personalidade e, no caso dxs adolescentes, em processos de construção de sua identidade. Neste contexto, há uma exploração de imagens e falas erotizantes através da publicidade, dos programas de TV, músicas, danças, games, vestuário e acessórios, desenhos animados, filmes, etc.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



De um lado, temos gerações de professoras/es e pedagogas/os que, em geral, foram educadxs sob uma ótica autoritária e repressiva da sexualidade em que tais imagens e falas eram fortemente censuradas e omitidas, mantendo-se como “o segredo”, de outro lado, estudantes adolescentes que convivem diariamente com a publicização da sexualidade com fins mercadológicos. Isto é perceptível nos programas de TV aberta, nas letras e clipes de músicas sensuais da indústria cultural, nas piadas, nas roupas, no modelo de “mulher ideal” e de “homem ideal” vendidos pela mídia, entre outros. Isto pode aparentar uma certa libertinagem aos olhos de quem recebeu uma educação sexual mais repressora.

Se, por um lado, as mulheres adultas, em geral, foram mais reprimidas e reprimidas em sua educação sexual; por outro, as adolescentes de hoje sofrem apelos constantes da sociedade de consumo para serem sensuais e ousadas sexualmente. Isso se reflete em comentários como “as mulheres/meninas de hoje estão piores que os homens/meninos!”

Contudo, estas gerações “erotizadas” ainda carecem de orientações e “saberes” sexuais que são fundamentais nos dias de hoje, tais como o passo-a-passo para o uso da camisinha masculina ou feminina.

A pesquisa mais recente sobre HIV/AIDS mostra um aumento de contaminação pelo HIV em mulheres acima de 50 anos, em homossexuais e em meninas adolescentes entre 12 e 19 anos! Isto coloca em xeque a afirmação de que @s adolescentes “já sabem mais do que nós, adult@s”.

Percebo um impasse no tratamento do tema nas escolas dados este conflito de “saberes” sexuais de distintas gerações e as dificuldades pedagógicas que eles suscitam. Esta pesquisa objetiva trazer estes elementos à tona a fim de promover uma reflexão sobre a construção destes padrões de sexualidades e, se possível, apresentar algumas possibilidades de diálogos pedagógicos.

## METODOLOGIA

Realização:



Apoio:

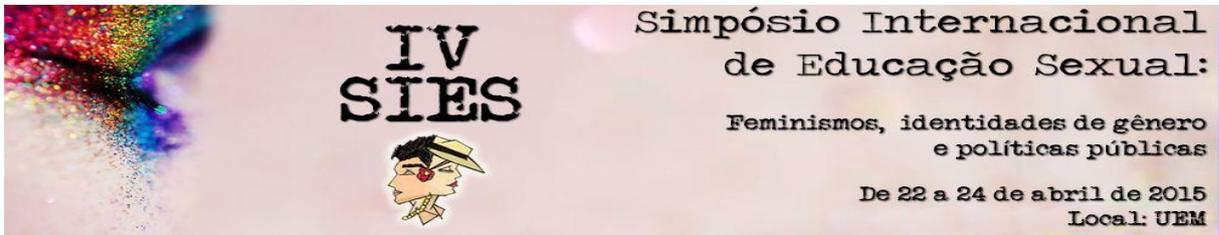


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Este trabalho é resultante dos diálogos/reflexões/descobertas propiciados em oficinas sobre gênero e sexualidades que ministrei para profissionais da educação da rede estadual de ensino e, principalmente, para jovens estudantes do ensino fundamental e médio da escola estadual Antonio Lacerda Braga, entre os anos de 2010 e 2013 e da observação participante no cotidiano escolar ao que se refere às questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual.

As oficinas para profissionais da educação ocorreram nos momentos de formação continuada, denominados DEB (Departamento da Educação Básica) Itinerante (2010) e Formação em Ação (2011-13), nos municípios de Curitiba, Colombo e Quatro Barras.

As oficinas com estudantes aconteceram nos anos de 2012-13, no Colégio Estadual Antonio Lacerda Braga, em Colombo. Após a divulgação das oficinas nas salas de aula, xs estudantes interessadxs em participar se inscreveram para xx? , que aconteceram durante o horário normal das aulas, no turno em que xs estudantes estavam matriculadxs. Turmas variavam tamanho, entre 20 e 30 estudantes. Fui acompanhada por outrxs profissionais da educação que compunham a Equipe Multidisciplinar do colegio, da qual eu também fazia parte. Também contei com a assessoria técnico-pedagógica do então presidente do CEPAC (Centro Paranaense de Cidadania), Alberto..., que aprofundou as questões sobre diversidade sexual.

Foram apresentados alguns slides problematizando os conceitos de sexualidade e sexo para fomentar o diálogo inicial, encaixando na sequencia, conforme o desenvolvimento dos debates, os conceitos de identidade de gênero e diversidade sexual. Impulsionando xs alunxs a falarem como eram tratados estes temas entre eles, pelos meios de comunicação, ciência, religiões e escola.

Parti da constatação de que, de forma geral, estes temas são abordados de três modos: 1) como brincadeiras, piadas, “zoação”; 2) com uma linguagem muito técnica-científica e um certo distanciamento; 3) como discurso religioso associado a proibições, normas de conduta e, muitas vezes, ao conceito de pecado.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Diante de tal constatação, foi proposto na oficina que pudéssemos superar estas três formas de lidar com o tema, dadas as suas limitações, através da conversa franca, próxima, deixando de lado preconceitos e julgamentos, criando um clima amistoso para deixar xs estudantes à vontade para falar ou silenciar, mantendo o respeito pela fala de todxs e cada umx.

## GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

Na escola se encontram e se conflitam as diferentes visões de mundo, construções de saberes, científicos e populares, posicionamentos políticos e normas culturais, tanto entre as/os profissionais da educação, em todas as instâncias, quanto entre alunas/os, suas famílias, e entre todos estes segmentos. É um território onde se travam lutas, mesmo que algumas vezes silenciosas, que, de um lado, acarretam em valorização de determinados sujeitos e comportamentos em detrimento da marginalização de outros, e, de outro lado, podem possibilitar o enfrentamento desta realidade, visando à sua transformação.

Ao se pensar no ambiente escolar atual e na convivência de diferentes grupos sociais nesse meio, são notáveis as polêmicas, receios, anseios e preconceitos quanto à abordagem do tema sexualidade. Além de envolver conceitos científicos diversos, abarca também conceitos dogmáticos e religiosos de muitas/os educadoras/es, alunas/os e suas famílias. Soma-se a estes fatores a formação limitada da maior parte das/os profissionais da educação em relação ao tema, devido à defasagem nos cursos de licenciatura e pedagogia e nos de formação continuada, que, em geral, não abordam as questões de gênero e sexualidade e, quando o fazem, é de uma forma ainda restrita ao discurso médico e biológico. Isto acaba por gerar na escola a elaboração e apropriação de um currículo que geralmente ignora, trata com superficialidade ou desconsidera a importância de se tratar do assunto.

Nas escolas, a demanda das/os alunas/os chama a atenção para a temática. Se o diálogo não acontece nos espaços privilegiados para a aprendizagem, ele se

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





dá nas conversas, burburinhos, risadas e bilhetinhos que circulam pela sala de aula, nos grupinhos de amigas/os, na “pegação” em momentos de recreios e outros intervalos e, até mesmo das aulas; nas paredes, portas de banheiros, muros, cadeiras e carteiras pichadas. O que é confirmado por Jimena Furlani quando diz que “a demanda estudantil, a vontade e a necessidade de ‘falar do assunto’, mostra que temáticas pertencentes à Educação Sexual perpassam as relações pessoais, porque são constituintes dos sujeitos e de suas identidades” (JIMENA FURLANI, 2009). E, ainda, citando Guacira Louro:

“A presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “Educação Sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”. (LOURO, appud FURLANI, 2009, p.39).

Ou seja, ainda que professoras/es, pedagogas/os e diretoras/es sintam-se temerários em abordar o tema, ele está perpassando o cotidiano escolar. Neste sentido, a mídia, enquanto um instrumento poderoso e eficaz para um modelo de sociedade notadamente consumista tem ocupado um espaço importantíssimo na formação das/os adolescentes. Espaço que instituições sociais como a família e a escola têm deixado vazio em consequência, dentre outros fatores, da insegurança de adultos em tratarem aberta e pedagogicamente as questões relacionadas à sexualidade e à construção das identidades destas/es jovens. O resultado desta dinâmica social é que, muitas vezes, as/os adultos se escandalizam com certos comportamentos de suas/seus filhas/os e/ou de suas/seus alunas/os, mas não sabem como agir, limitando-se a condenar moralmente tais comportamentos. Um exemplo disso foi a moda das pulseirinhas do sexo, no ano de 2010, amplamente divulgada na internet e disponibilizada facilmente pelo mercado, à qual muitas crianças e adolescentes aderiram, mesmo sem ter noção, algumas vezes, dos significados que a elas foram atribuídos neste período. Diante da erotização simbólica relacionada às cores das pulseirinhas e às atitudes sexuais que elas

Realização:



Apoio:

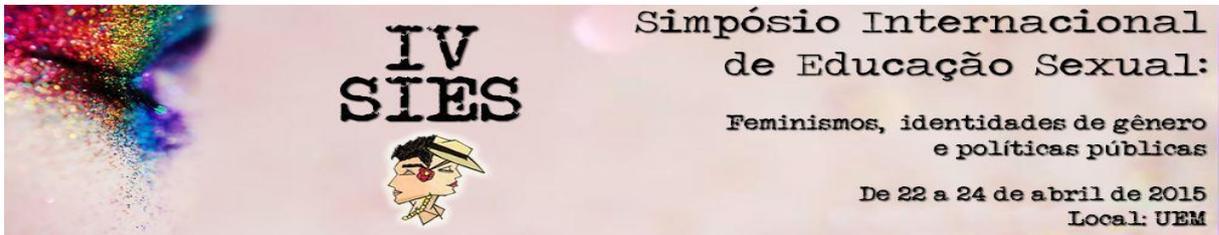


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





remetiam, os adultos, em geral, ficaram horrorizados e sem saber direito que postura assumir. Muitas escolas adotaram posturas repressivas e proibitivas sem, contudo, buscar uma compreensão da adesão tão massiva das/os adolescentes, sem estabelecer um diálogo com estas/es e sem problematizar a questão.

Percebe-se, com isso, que:

“professoras e professores tornam-se referenciais da discussão sobre sexualidade na escola, pois podem optar por: não discutir, abstendo-se do 'problema' (que não deixará de existir); discutir superficialmente, restringindo o debate sobre sexualidade à prevenção à gravidez na adolescência e à infecção pelo HIV/AIDS - não proporcionando um debate efetivo às/aos estudantes - ; ou, ainda problematizar de forma mais crítica a discussão da sexualidade para além da prevenção e promoção da saúde, considerando a intencionalidade das relações de poder existentes na produção dos saberes.” (SANTOS e ARAÚJO, 2009).

Há que se destacar, neste momento, a influência dos “mitos sexuais” no imaginário coletivo e nos comportamentos de todos os sujeitos da escola. Os mitos sexuais são aquelas “concepções errôneas e falácias criadas a partir de rumores, superstições, fanatismo ou educação sexual falha.” (GOLDENSON & ANDERSON, 1989, apud, JIMENA FURLANI, 2005).

Contudo, conforme Jimena, todas as informações (sejam elas “verdadeiras ou não) acerca do objeto que falam, se constituem em representações que:

“circulam no social e têm 'efeitos de verdade', contribuem para produzir sujeitos; atuam nas ações desses sujeitos em relação a outros sujeitos, seus modos de pensar, a forma como definem suas identidades culturais, os modos de relacionamentos que estabelecem com diferentes pessoas, os modos como vivem suas práticas sexuais, desejos e afetos.(...) As representações (quaisquer que sejam elas) acerca dos gêneros, das sexualidades, dos sujeitos que vivem sexualidades hegemônicas ou subordinadas, também terão efeitos. As representações acerca da sexualidade atingem grande parte da população humana, sobretudo se considerarmos que a sexualidade, segundo Michel Foucault (1993), é um forte dispositivo de regulação e controle social”. (FURLANI, 2005).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Isso nos remete à problematização do conceito de sexualidade. Em primeiro lugar, por contemplar várias dimensões do ser humano, ela não pode ser vista restritamente do ponto de vista “natural” e biológico.

Abramovay (2004) define sexualidade como uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, prática, papéis e relacionamentos. Os componentes socioculturais, dessa forma, revelam-se críticos para essa conceituação, que se refere tanto às capacidades reprodutivas quanto à questão do prazer. (FERREIRA e LUZ, 2009).

Esta concepção supera a visão em que a sexualidade está focada e limitada aos genitais e ao ato sexual somente. Demonstra que a sexualidade é constitutiva de nossas identidades e das formas como nos relacionamos com nosso próprio corpo, nossos pensamentos e emoções, bem como com os corpos, pensamentos e emoções das demais pessoas do nosso convívio social. A forma como a vivenciamos nos remete ao conceito de gênero:

“Os diferentes sistemas de gênero – masculino e feminino – e de formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são decorrência da cultura, e não de diferenças naturais instaladas nos corpos de homens e mulheres. Não faltam exemplos demonstrativos de que a hierarquia de gênero, em diferentes contextos sociais, é em favor do masculino.(...) Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.” (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009, p.39).

Estes conceitos nos fundamentam para problematizar as práticas evidenciadas no ambiente escolar bem como as ideias por trás destas. Assim, pretendemos contribuir para uma abordagem mais reflexiva, questionadora e desmitificadora da sexualidade

Realização:



Apoio:



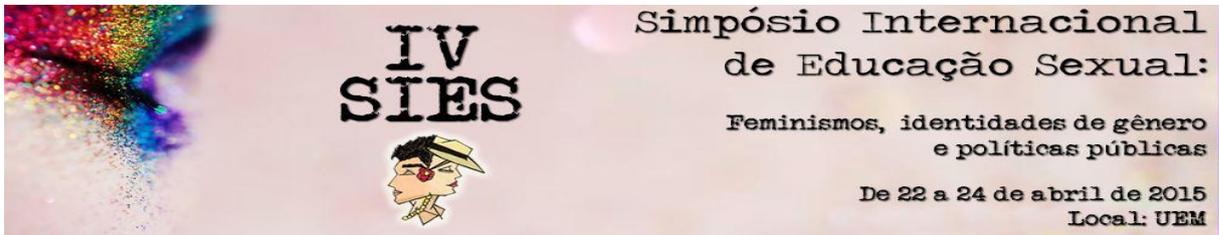
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



e das relações de gênero e para um diálogo mais acolhedor das expectativas, anseios, desejos, medos e preocupações das/os nossas/os adolescentes.

### **ALGUNS COMENTÁRIOS DXS ALUNXS SOBRE A OFICINA:**

Comentários de alunos e alunas dos 8º anos da tarde:

“Eu achava que não seria tão divertido e interessante. Achei que foi muito legal e eu queria que tivesse outra vez. Eu achei o que foi mais interessante é como usar um preservativo para se cuidar, (...) que a gente já sabe quando crescer.” Thais.

“Foi uma aula muito boa. No começo eu fiquei com um pouco de vergonha mas depois comecei a entrar na aula. Eu gostei de muitas coisas que eu não sabia e também de aprender que devemos respeitar as pessoas como elas são.” Derick.

“Eu achei interessante o que o Alberto falou sobre AIDS e HIV (...) e a hora que o Alberto e a professora Patrícia ensinaram como que colocava a camisinha feminina. Isso é muito interessante, principalmente para nós meninas. Eu nem imaginava como era uma camisinha feminina mas agora eu já sei como que é.” Ana.

“Eu acho que isso é bom para todos que participam porque ficam sabendo como que faz para se prevenir de HIV/AIDS. E a parte mais interessante foi quando mostraram como se põe a camisinha feminina e a masculina, com cuidado para não rasgar ou furar a camisinha. E também sobre a homossexualidade, foi muito interessante os comentários e as opiniões dos colegas.” Matheus.

“As minhas expectativas foram as melhores possíveis, pois percebi que a sexualidade não é apenas a diferença de sexo e sim um assunto muito sério de se tratar (...) A coisa mais importante foi nos ensinarem sobre a homossexualidade, pois muitas escolas não tratam este assunto abertamente, e a nossa escola vem tratando este assunto com muita delicadeza, dedicação e carinho.” Jéssica [que linda!]

“Quando alguns alunos foram colocar as camisinhas eu achei muito interessante porque tem várias meninas sendo mãe muito cedo e meninos sendo pai muito cedo

Realização:



Apoio:

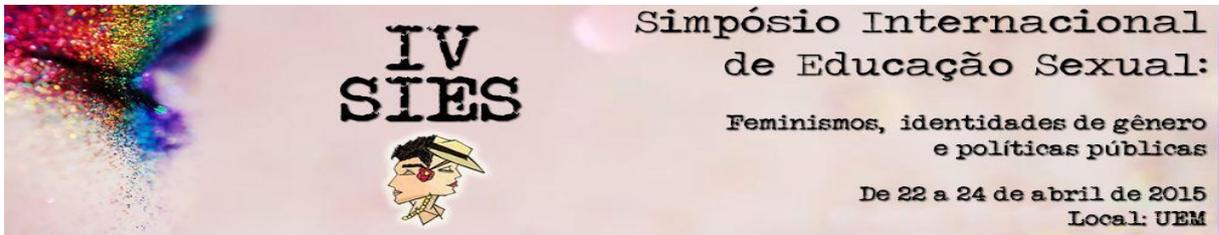


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





porque os pais muitos deles não falam sobre SEXO com os filhos. (...) As camisinhas também ajudam a prevenir doenças como AIDS e outras.(...) Achei muito legal falar sobre a sexualidade. Valeu por essa oportunidade! Obrigada. Espero ser convidada de novo.” Raquel, 13 anos.

“Eu acho que os professores tinham que falar mais com os alunos sobre isso, assim como a oficina fez com alguns alunos. E deveria fazer com todas as turmas, principalmente 6º ano e 7º ano, mesmo que eles sejam meio crianças, para ensinar a eles a se prevenir desde já.” Mhissy, 14 anos.

“Quando eu fui na oficina prestei muita atenção. Eu gostei das partes da camisinha, a da mulher, eu nunca tinha colocado e nem sabia como colocava. E eu aprendi que você nunca pode chamar uma pessoa de gay porque ele pode ser fiferente o sexo, mas ele é normal igual a nós.” José, 13 anos.

“Foi legal também, tipo, ter deixado os alunos fazer perguntas e tirar suas dúvidas.” Geovana, 12 anos.

“Eu pensei que essa palestra ia ser porque a gente tá muito agitado e muito mal educado. A gente falava muita besteira. (...) Eu achei 3 coisas interessantes: 1º sobre sexo, 2º travestis e 3º lésbicas. Porquê 1º sexo: Eu acho que ensinou a gente a se previnire se cuidar pra não engravidar cedo ou pegar doenças. 2º travestis e 3º lésbicas: Eu acho que a gente não pode ter preconceitos com isso porque essas pessoas são iguais a gente, uma pessoa normal (...) Elas podem se dar bem melhor que um outro casal (tipo mulher e homem).” Henaê.

“interessante foi nós termos aprendido como usar camisinha. Porque na hora H nós já sabemos como abrir a camisinha, colocar, etc. Queria que tivesse mais uma vez a oficina.” Emilyh.

“A gente aprendeu um monte de coisa que quase ninguém sabia. Aprendemos a colocar camisinha certo. A hora do lanche foi uma hora boa. Teve também uns textos e umas fotos que a gente viu. (...) Foi muito legal e vou participar de novo!” Vinicius.

“As pessoas que estavam lá conseguiram entender sobre o que estava acontecendo, ficaram quietas e escutaram bem tudo o que eles falaram. E que o

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



preconceito é uma coisa que a pessoa não precisa ter porque ninguém vai mandar ela ser o que não é. Eu gostaria que tivesse essa oficina mais vezes até o final do ano porque eu gostei muito da oficina.” Thamara [aluna que se reconhece como lésbica].

Comentários de estudantes do noturno, 1º ano:

“Quando falei com a minha mãe pensei que ela não ia gostar da ideia de falar de sexo na escola, mas ela gostou e muito! Eu também adorei ficar conversando alguns assuntos que às vezes a sociedade evita. (...) Eu pessoalmente nunca tinha visto o mundo do jeito que mostraram na sala. Parei para pensar e vi que nada é como imaginamos: independente se as pessoas são gays, lésbicas, trans... não quer dizer que não tenham sentimentos; também são humanos. Não é porque sentem-se atraídos pelo mesmo sexo que não merecem respeito.

Gostaria de ter mais contatos com esse tipo de assunto e a cada dia aprender como a sociedade em que vivo encara isso e ajudar a mudar o jeito do mundo de ver essas pessoas.” Andrielle, 17 anos.

“Eu gostei muito da palestra, principalmente em relação à homofobia. Ensinou a demonstrar o respeito que devemos ter com o próximo, a respeitar a opinião sexual, religiosa e cultural de cada um.

Em relação a demonstração de como devemos nos cuidar, não só eu como todos que estavam lá, aprendemos muito! É sempre bom termos explicações sobre assuntos deste tipo(...). Meus parabéns! Não vejo a hora de termos outra palestra!” Suzane.

Obs.: Não tenho ainda a informação das idades de todos/as os/as estudantes que participaram.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e Prevenção nas Escolas**: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação. Brasília: Ministério da Saúde, 200

Realização:



Apoio:

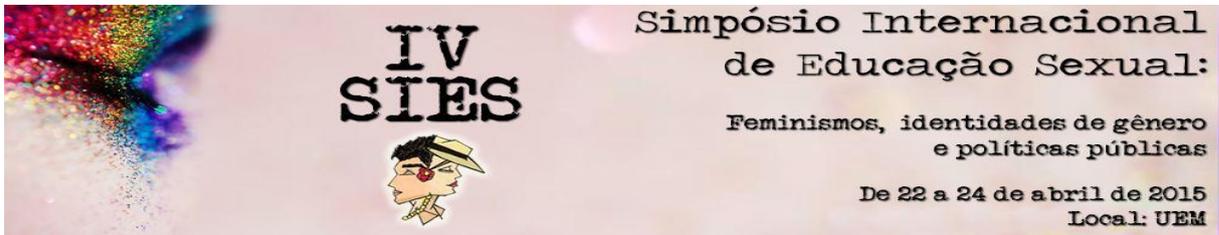


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





CARVALHO, Marília Gomes de; TORTATO, Cíntia de Souza Batista. "Gênero: considerações sobre o conceito". In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (orgs.). **Construindo a Igualdade na Diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba, UTFPR, 2009.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; CARVALHO, Marília Gomes de; LUZ, Nanci Stancki da. " 'O olhar não é mais o mesmo': uma análise sobre os resultados de um curso sobre gênero e sexualidade na escola". In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (orgs.). **Construindo a Igualdade na Diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba, UTFPR, 2009.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. "Lugar de sexo é na escola? Sexo, sexualidade e educação sexual". In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade – Cadernos Temáticos da Diversidade**. Curitiba, SEED/PR, 2009.

CORDIOLLI, Marcos. "A nova ordem mundial: uma tentativa de análise global" In: **Cadernos do Fórum Paranaense em Defesa da Escola Pública, Gratuita e Universal**. Curitiba, nº02, 1995.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do Gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações**. Curitiba: UFPR, 2010.

FERREIRA, Beatriz Maria Megias Ligmanovski; LUZ, Nanci Stancki da. "Sexualidade e Gênero na escola". In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (orgs.). **Construindo a Igualdade na Diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba, UTFPR, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal: 1988.

FURLANI, Jimena. "Encarar o desafio da educação sexual na escola". In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade – Cadernos Temáticos da Diversidade**. Curitiba, SEED/PR, 2009.

\_\_\_\_\_. "Mitos e tabus sexuais – representação e desconstrução no contexto da educação sexual". In: **I SIMPÓSIO PARANÁ-SÃO PAULO DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL**. Araraquara, UNESP, 2005

Realização:



Apoio:

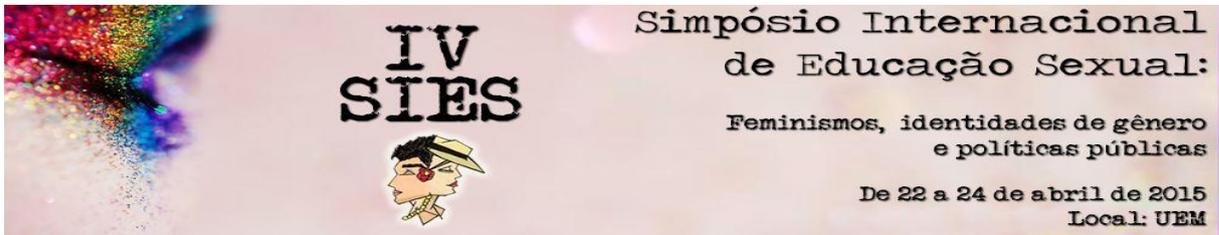


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





**GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA:** formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações etno-raciais. Livro de Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. “Pensar a sexualidade na contemporaneidade”. In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade** – Cadernos Temáticos da Diversidade. Curitiba: SEED/PR, 2009.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MARTINS, Ana Paula Vosne. “Meninas podem dizer não? Algumas considerações sobre as relações de gênero e a experiência sexual entre adolescentes. In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. **Sexualidade** – Cadernos Temáticos da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED/PR, 2009.

ONO, Maristela Mitsuko; SILVEIRA, Martha Luciana; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. “Representações de gênero na ciência, tecnologia e sociedade, mediadas pela publicidade”. In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (orgs.). **Construindo a Igualdade na Diversidade: gênero e sexualidade na escola.** Curitiba: UTFPR, 2009.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. “Educação sexual na escola: algumas possibilidades didático-metodológicas”. In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade** – Cadernos Temáticos da Diversidade. Curitiba: SEED/PR, 2009.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; ARAUJO, Débora Cristina de. “Sexualidades e gêneros: questões introdutórias”. In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade** – Cadernos Temáticos da Diversidade. Curitiba: SEED/PR, 2009.

TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História.** Tradução: Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

## ABSTRACT

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



The concern with constant complaints from colleagues, education professionals, on "touched sexualities" dxs adolescents associated with indiscipline, which hinder the process of teaching / learning as well as the lack of a debate on the subject, were the driving force for conducting educational workshops about the same. Concern to get a closer look at the situation and the search for a sociological understanding, raised some key questions: What "knowledge" and sex education standards are behind such statements? How professorxs and pedagogxs deal with issues of gender and sexuality in school? As Xs adolescents construct and experience their "sexual knowledge"? What are the challenges for dialogue on the subject in school? In this report, I present the partial results obtained with the implementation of educational workshops on gender, education and sexuality, developed with professional education and middle and high school students between 2010 and 2014. These results were obtained through participant observation and from the issues raised during the workshops with a general review written pelxs adolescents who participated in the same. I emphasize the importance of theoretical frameworks (Foucault, Giddens, Beauvoir, Blonde, Cordiulli between outrxs) to reflect on how our speeches and teaching practices legitimate or pose a risk to certain "truths" produced on the subject.

**Keywords:** gender; education; sexualities.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





**IV  
SIES**



**Simpósio Internacional  
de Educação Sexual:**

**Feminismos, identidades de gênero  
e políticas públicas**

**De 22 a 24 de abril de 2015  
Local: UEM**

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:

